

INVENÇÃO DA CULTURA POPULAR: UMA HISTÓRIA DA RELAÇÃO ENTRE ERUDITOS, INTELLECTUAIS E AS MATERIAS E FORMAS DE EXPRESSÃO POPULARES NA PENÍNSULA IBÉRICA E BRASIL (1870-1940).

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de,
(Universidade Federal de Campina Grande), A

Neste texto procurarei esboçar as primeiras conclusões a que cheguei acerca da relação entre o pensamento e a obra do folclorista e etnólogo brasileiro Luís da Câmara Cascudo e a obra e pensamento dos principais pesquisadores ibéricos da temática da cultura popular, ou seja, apontarei aqui os primeiros indícios, por mim encontrados, de que há uma estreita relação entre a forma como Câmara Cascudo pensa e define o que seja a cultura popular brasileira e, mais particularmente, a nordestina e a forma como os estudiosos ibéricos do folclore e da etnologia pensaram e definiram o que seria uma cultura nacional, regional ou local na Península Ibérica. Não se trata aqui de recorrer à desgastada problemática da influência, tão a gosto dos historiadores das idéias, mas tentar descrever o que Michel Foucault chamou de uma formação discursiva¹, de uma certa regularidade e similitude das regras de produção de discurso sobre este objeto, a cultura popular, que está sendo inventado neste mesmo movimento de sua descrição, classificação e análise, nas sociedades brasileira, portuguesa e espanhola, entre meados do século XIX e os anos quarenta do século XX.

Trata-se de tentar demonstrar a existência de uma certa homologia estrutural tanto no que tange às regras de produção de discursos sobre o povo e o popular nestas sociedades, bem como no próprio âmbito da estrutura social destes países, submetidos neste período a semelhantes processos de inserção tardia e periférica nas relações capitalistas internacionais, em sua fase de expansão imperialista, sofrendo um traumático processo de modernização tecnológica, acompanhado de um débil mas crescente processo de industrialização e urbanização, que vêm acarretar transformações sociais que atingem duramente as sociabilidades e sensibilidades tradicionais, provocando dilacerantes e conflitivos processos de mutação subjetivas, com a emergência de novos grupos sociais, novas formas de vida, novos modelos de subjetividade, provocando um processo coletivo de desterritorialização que se expressará de distintas formas e terá como corolário a emergência de novas propostas políticas e de utopias sociais, novas propostas estéticas e novas formas de pensamento que travam entre si e com as formas anteriores ainda hegemônicas uma luta intensa para se tornarem prevaescentes.

O que tentarei mostrar neste texto é que Luís da Câmara Cascudo além de leitor, correspondente e amigo dos mais importantes intelectuais portugueses e espanhóis que trataram do tema da cultura popular, entre fins do século XIX e meados do século XX, compartia, com a maioria deles, a mesma forma de ver e dizer o povo e o popular, a mesma visibilidade e dizibilidade das culturas e das sociedades e as mesmas concepções políticas e estéticas. Além disso, Câmara Cascudo também se aproxima destes autores pela própria forma como pensa o seu trabalho, como elabora o seu lugar de sujeito, ou seja, Cascudo parece partilhar com estes autores o mesmo modelo de relação com o saber, com o conhecimento, parece se perceber como um erudito, como um mestre, muito próximo da forma como estes autores se autodenominavam. Cascudo parece compartilhar com eles tanto as regras de produção do objeto, a cultura popular, como as regras de produção de sujeitos, o erudito em folclore e etnologia. E este fato seria compreensível por exercerem a atividade da pesquisa e da escritura em sociedades onde uma mais ampla divisão social do trabalho ainda estava em processo de implantação e, portanto, onde o lugar social do intelectual ainda estava para ser definido e autonomizado, onde este lugar de sujeito ainda estava para se generalizar como modelo de subjetividade.

Se percorremos a bibliografia citada em cada livro de Câmara Cascudo podemos ter uma idéia de como foram importantes determinados autores portugueses e espanhóis para a formação de seu pensamento, para a formação de sua

¹ Para a noção de formação discursiva ver: FOUCAULT, Michel, *A Arqueologia do Saber*, Rio, Forense-Universitária, 1982.

“alma de papel”. Almeida Garret, Alexandre Herculano, Theóphilo Braga, José Leite de Vasconcelos, Jaime Cortesão, Marcelino Menéndez y Pelayo, Ramón Menéndez Pidal, Francisco Rodriguez Marín, Luís de Hoyos Saínz, Julio Caro Baroja e muitos outros ocupam um lugar de destaque em sua biblioteca e compõem como fontes de informação e de apoio analítico. Embora não partilhe com todos eles de suas concepções metodológicas ou políticas, os toma como apoio para suas digressões eruditas sobre determinadas manifestações do que chama de “cultura popular brasileira”

É interessante notar que do ponto de vista político Cascudo está muito mais próximo dos autores considerados clássicos no estudo da cultura popular da Espanha do que de Portugal. Garret, Herculano ou Braga, por exemplo, se notabilizaram por se vincularem ao pensamento liberal e por fazerem constante oposição seja à monarquia absoluta, seja a este próprio regime em Portugal. Românticos, os dois primeiros, e positivista, o último, empregaram o estudo da cultura popular como uma forma de tentar criar o que seriam as bases para uma cidadania burguesa em seu país, para uma nova forma de organização política, seja a monarquia constitucional, seja a república, como forma de romper com o que diagnosticavam como o atraso e a decadência da sociedade portuguesa, com um sistema político e social excludente, que não levava em conta o Povo, categoria amorfa e ampla, onde se incluía desde os grupos sociais tradicionais, como camponeses e homens do mar, e para os quais se pedia educação e civilização, até os novos grupos burgueses e de profissionais liberais que não possuíam espaço em uma ordem social e política ainda dominada pelas chamadas “oligarquias”, ou seja, por um pequeno grupo de privilegiados, muitos ainda ligados ao passado feudal desta sociedade.

Já os clássicos espanhóis, notadamente Menéndez y Pelayo, Menéndez Pidal e Francisco Rodríguez Marín, estiveram ligados politicamente à Restauração monárquica de 1875, que veio justamente se contrapor ao período revolucionário e republicano dos anos sessenta. Seus trabalhos em torno da temática da cultura popular visavam reencontrar no Povo espanhol a índole, o gênio, a essência da cultura e da vida nacionais, que haviam se manifestado de forma gloriosa e heróica no passado, quando das grandes conquistas marítimas e imperiais e que agora estavam esquecidos ou perdidos depois de mais de dois séculos de decadência e de desnacionalização do pensamento e das formas de organização social e política. Coextensivo às idéias de restauração e de regeneração, que irão surgir com muita força nesta década de setenta do dezenove, o trabalho destes eruditos era pensado como uma forma de trazer de volta o passado, não só em suas formas de expressão cultural e artística, como em suas formas de organização social e política. Embora fossem metodologicamente informados pelas formulações do historicismo metódico e do positivismo, estes autores compartilham ainda a visão romântica do passado glorioso, da origem perdida que se deve redescobrir, que se deve reencarnar, fazer reviver. Ligados socialmente às elites agrárias tradicionais, aos grupos dirigentes de ethos aristocrático e senhorial, estes eruditos lançam mão da mística do Povo para fins bem diversos daqueles pelos quais lutavam, também em nome do povo, os liberais ou republicanos. O povo nestes discursos encarna as tradições nacionais ameaçadas de desaparecimento, encarna as próprias estruturas sociais tradicionais que estão ameaçadas de desaparecimento. Se para uns o Povo era a base da transformação, da mudança, para outros era o baluarte da tradição, da conservação e da reação à qualquer mudança.

Quando se trata de definir o que seja o Povo e o popular, estes clássicos portugueses e espanhóis parecem estar falando de coisas diversas. Enquanto para os portugueses as tradições populares servem de lastro para uma crítica ao absolutismo, à própria monarquia, em alguns casos, e à religião católica, ou mais precisamente, à Igreja em sua forma de organização e em suas práticas consideradas repressivas, obscurantistas e lesivas ao conhecimento, à ciência e à cidadania; os espanhóis vão encontrar no povo, senão um fervor monárquico ou absolutista, mas pelo menos uma certa indiferença em relação à forma de organização política e a mais viva religiosidade, o vínculo inextricável entre ser espanhol e ser católico, e a legitimação da vinculação entre Igreja e Estado. Um Estado para ser espanhol deveria se manter católico, ser um Estado confessional e não laico, mantendo nas mãos dos religiosos atividades importantes como

as de assistência social e de educação e garantindo o patrimônio e os bens da Igreja. Cascudo demonstra uma clara simpatia pelas posições dos autores espanhóis, seu saudosismo monárquico aparece em vários momentos de seu trabalho e sua religiosidade e fidelidade às posições católicas, quer seja em termos filosóficos, quer seja em termos políticos, é um dos elementos principais na compreensão de sua forma de pensamento e das suas posturas políticas e estéticas.

Câmara Cascudo não vai demonstrar jamais nenhuma identificação política ou pessoal com a geração romântica portuguesa. Com Almeida Garret e Alexandre Herculano parece compartilhar apenas o interesse pelo passado, pelas matérias e formas de expressão ditas populares, a percepção de que estas matérias e formas de expressão constituíam o que havia de autêntico, de verdadeiro, de essencial na cultura da nação, bem como da região em que vivia e o desejo de através de seu trabalho conseguir salvá-las, revive-las, traze-las de volta do passado. Os conceitos românticos de gênio, de índole, de espírito do povo, da cultura ou da nação, de permanências culturais, surgem algumas vezes em sua obra, articulados com outros de matriz evolucionista, como caráter, revivências, atavismos étnicos e culturais, raça e herança e outros de formulação difusionista como influência, difusão, dispersão, contacto, migrações de formas culturais, etc. O ecletismo teórico de Câmara Cascudo, que inclui ainda formulações do funcionalismo, da antropologia cultural norteamericana e da antropologia social inglesa, é uma das características da moderna erudição a que pertencia e leva a sua não identificação com o modelo do intelectual e explica, em parte, sua ausência das bibliografias das disciplinas universitárias no Brasil e seu quase total desconhecimento por parte daqueles que se tornam especialistas em antropologia no Brasil.

Também parece estar muito distante da visão do povo e do popular que foi elaborada pela chamada geração dos 70 em Portugal ou dos “Vencidos da Vida” como se chamavam. Cascudo nunca partilhou do determinismo evolucionista e do naturalismo que marca o trabalho desta geração. A postura francamente antimonárquica ou anticatólica de muitos destes eruditos e literatos, como Theóphilo Braga, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Eça de Queirós, Antero de Quental, Fialho de Almeida nunca foram partilhadas por Cascudo, que também criticava a visão determinista e materialista que prevalecia nestes autores, ou em algumas de suas obras. O povo no discurso destes autores, embora fosse o repositório do caráter português, onde se podia encontrar o organismo da cultura nacional em germe, era visto também como uma vítima da incúria de um Estado dominado por elites incompetentes, corruptas e representantes de seus próprios interesses e subordinadas vergonhosamente aos interesses internacionais. Sendo a geração que viveu a suprema humilhação do ultimatum inglês de 1890², onde a debacle econômica e o desprestígio político do país pareceu atingir o seu ápice, contemporânea de um país de onde saía por ano milhares de emigrantes, que passaram a sustentar o país com o envio de suas remessas de dinheiro, esta geração traça uma imagem de um povo abandonado, pobre, inculto, místico, embora alegre, festivo, trabalhador e digno. Um povo que, ao contrário de suas elites, ainda guardava em sua cultura e em seu caráter as marcas do passado glorioso e heróico. O povo português continuava sendo o mesmo que havia conquistado meio mundo e dado os primeiros passos para o estabelecimento da economia moderna na Europa e que foi capaz de organizar o primeiro Estado nacional. Povo amante da liberdade e arraigado à defesa de suas formas de organização social e política local, municipal, em luta constante contra o centralismo e o absolutismo.

² Em 1890 a Inglaterra exige o pagamento imediato de toda a dívida contraída por Portugal junto àquele país e que financiara, ao longo de todo o século dezanove, o déficit crescente das contas do Estado português, já que as exportações e a produção portuguesa é decrescente ao longo de todo o século. Para manter um ousado programa de construção de estradas, ferrovias e portos, que sustentava uma boa parcela do clientelismo e da corrupção eleitoral e política do país, Portugal se endividou a níveis tais que a Inglaterra, temendo por sua solvência, deu o ultimatum para o pagamento da dívida externa.

As discrepâncias de Câmara Cascudo para com esta geração portuguesa dos 70 pode ser percebida na apresentação que este faz para a antologia de poemas de Antônio Nobre, que organizou e publicou no Brasil, em 1959. Diz ele, ao tentar contextualizar a obra, que considera solitária e premunitória de Nobre:

“Em Portugal de 1892 vivia, declamada e lida, a poesia de lusismo sonoro e gesticulante. A sedução doutrinária, antimonárquica e anticatólica, envolvia grandes grupos, com a exaltação demagógica, a sátira primária ou a monomania no julgamento simplista de alcançar a perfeição pela mudança do regime administrativo. A figura mais expressiva é Gomes Leal, messiânico, apaixonado, versátil, teatral, num exagero que supunha constituir heroísmo moral. Versejavam Tomás Ribeiro, Bulhão Prata, o sempre lido Soares de Passos, cuja necrofilia advinhava a monção de Rollinat, Antero de Quental, obra doutrinária inferior à série de sonetos, magistrais em qualquer literatura e tempo, o popular Guerra Junqueiro, lírico que a sátira ampliou, perdendo densidade e significação durável;...A reação “intelectual” irritava muito mais do que esclarecia e orientava. Os Gatos de Fialho de Almeida arranhavam e As Farpas de Ramalho Ortigão feriam, sacudindo a sensibilidade sem despertá-la. Guerra Junqueiro vazios os odres em que guardara as tempestades caseiras e rebeldes de irreligiosidade verbalística, Morte de D. João, Velhice do Padre Eterno, Finis Patrie, dera a Musa em Férias, tisonada em sátira neste 1892. Eça de Queirós já publicara seus grandes romances cruéis e Oliveira Martins abalara o entusiasmo tradicional do heróico com os arietes de História de Portugal (1879) e Portugal Contemporâneo (1881)”³

Nesta diatribe contra a geração de setenta e no consequente elogio a Antônio Nobre, por ser o primeiro sucessor a romper com as posturas políticas e estéticas daquela geração, por ser a primeira cria do simbolismo português, rebelando-se contra o realismo e o naturalismo da geração anterior, podemos perceber a irritação de Cascudo com estes autores, sentimento que projeta para o passado atribuindo-o pretensamente a um público vago e indefinido. Esta irritação se deve às posturas antimonárquicas e anticatólicas que professam e ao estilo engajado, político, irreverente, satírico com que estes autores abordam a realidade portuguesa, seu Estado monárquico e a Igreja Católica. Cascudo, que sempre fez questão de se dizer apolítico e não engajado em qualquer ideologia social, deixa aparecer neste trecho muitas de suas posturas políticas e estéticas conservadoras que vai não apenas professar, mais praticar ao longo de sua vida. Seu incômodo com a irreligiosidade destes autores, que sempre considera falsa e verborrágica, porque talvez, para ele, ninguém poderia ser sinceramente não religioso, sua defesa do lírico contra a sátira, mostra que sua sensibilidade se sentia arranhada ao ler as crueldades, as farpas e as rebeldias caseiras destes autores. Como era de se esperar ao escrever sobre outros, Cascudo termina por escrever muito sobre si mesmo e suas formas de ver e dizer a realidade.

A identificação de Cascudo com o poeta Antônio Nobre ficou evidente para mim, ao verificar que no volume do livro de poemas que encontrei na Biblioteca Nacional da Catalunha havia uma dedicatória, escrita pelo próprio Cascudo a alguém que doou o livro e que não é nominado, em que após citar um trecho de um poema do próprio autor: “Georges, anda ver seu país”, assinava como se fosse o próprio poeta. Esta identificação pode ser compreendida se observarmos a descrição biográfica que Cascudo faz de Nobre, notamos que Cascudo enfatiza, nesta biografia, vários aspectos da vida do português que vamos encontrar também descritas, mais tarde, nas próprias autobiografias de Cascudo, ele desenha Nobre como se fosse um duplo de si mesmo: “A casa era abastada e tranqüila. O m’mino Antônio leu muito. A vocação amanheceu antes do sol. Amou Shakespeare e era devoto de Almeida Garret. Começou a escrever versos em 1852, aos 15 anos. Derramou o feitiço envolvente da paisagem minhota, as figuras ardentes e jubilosas das mulheres, os rapazes fortes, enamorados, impulsivos, os abades letrados e joviais e, sobretudo, a revalorização das azeitonas, malhadas nas eiras, esfolhadas de milho, pisar de uvas rosas no largar. A beleza do Entre-Douro e Minho,

³ NOBRE, Antônio, *Poesias por Luís da Câmara Cascudo*, Rio de Janeiro, Agir, 1959, pp. 5 e 6.

terra processional de romarias musicais, de festadas entontecedoras de ritmos, trajes vermelhos, negros e ouro, de um poder sugestivo incomparável, daria ao jovem Antônio o primeiro vinho do encantamento precoce”.⁴

O próprio fato de ter organizado o livro e os comentários elogiosos que faz em sua apresentação mostra que Cascudo partilhava das mesmas idéias do poeta português. A poesia de Nobre vai ter como principal tema a saudade, por isso vai ser, mais tarde, considerado por Teixeira de Pascoaes como o precursor do movimento saudosista em Portugal. Seu primeiro livro chamado *Só*, publicado em Paris 1891, é descrito pelo próprio Cascudo como triste e melancólico e tido como uma tentativa de evasão da realidade contemporânea de seu país e uma busca de se retornar a uma vida idílica e idealizada da aldeia de sua infância. A própria viagem a Paris e depois a tentativa de ingressar na carreira consular em Lisboa fariam parte da busca de exílio, de isolamento que a sensibilidade de poeta, pouco afeita a um mundo em transformação e voltada para um modelo de subjetividade do artista como um ser aristocraticamente distanciado do bulício e das exigências práticas da vida cotidiana, parecem também falar da forma como o próprio Câmara Cascudo se via e se dizia. A própria presença constante do dado etnográfico, do tema popular na poesia de Nobre, “homem de ouvidos ensooados de cantigas do folclore português”, torna mais verossímil esta espécie de espelhamento que Cascudo constrói entre o poeta simbolista e sua própria figura de sujeito.⁵ Citando um longo trecho do livro *Cultura Intervalar* de Fidelino de Figueiro, Cascudo conclui assim o seu retrato de Antônio Nobre e que parece ressoar a ele mesmo em cada frase:

*“Antônio Nobre teve a coragem de proclamar a sua solidão em pleno governo da razão objetiva, do espírito crítico e hiper crítico, da ambição filosófica, da larga filantropia, da curiosidade cosmopolita, do culto da ciência e das amarguras deste culto. Para os homens anteriores ao Só, o mundo começava para além dos Pirineus e o patriotismo era uma romântica morbosidade, quando não um disfarce charlatanesco para o fácil contentamento sem exigências. Ao contrário, para Antônio Nobre o mundo era sua aldeia. Sentia-lhe o apego à terra, das veredas floridas, das viandas e das fontes, dos tipos locais, dos mendigos vagabundos e das canções perdidas ao sol poente. Transplantado para as névoas de Paris, o poeta não se deslumbrou, só sentiu estreitarem-se mais os laços de humildade pinturesca do cenário da sua infância...e corajosamente só em Paris, em pleno reinado da razão, mandou a sua mensagem de humor e melancolia, de popularismo e superstição, de tédios inexplicados e de medo à vida. Os casos, que lhe responderam, eloquentemente lhe haverão mostrado que a sensibilidade lusitana suspirava por voltar à sua tradição de misticismo nacional”*⁶

Nesta descrição de Antônio Nobre podemos encontrar vários pontos de contato entre seus comportamentos e formas de pensar e os comportamentos e pensamentos de Câmara Cascudo. Cascudo também era um homem que se considerava só e exilado em seu próprio tempo, um homem de gostos e formas de ver o mundo que seriam compartilhados por poucas contemporâneos. Suas concepções religiosas, sua subjetividade fortemente marcada pelo catolicismo o levava a desconfiar e desqualificar o racionalismo moderno e o espírito crítico de matriz positivista que informava a ciência desde o século XIX. Compartia com o poeta simbolista as angústias trazidas ao mundo por sua desacralização, pela busca de desvelamento de todos os seus mistérios, por uma razão com afãs de totalização. A sobrevivência do místico, simbolizado pelo neosebastianismo português, do qual não somente Nobre, mas até mesmo Fernando Pessoa⁷ no último período de sua vida, foram representantes era a possibilidade de reencantar este mundo, de voltar a dar a vida e a história humana um sentido transcendente que estava sendo perdido desde que o Iluminismo, no século XVIII,

⁴ NOBRE, Antônio, *Op. Cit.*, p.7.

⁵ NOBRE, Antônio, *Op. Cit.*, pp. 11 a 13.

⁶ FIGUEIREDO, Fidelino, *Cultura Intervalar* apud NOBRE, Antônio, *Op. Cit.*, p. 97.

⁷ Ver, SERRÃO, Joel, *Temas da Cultura Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1983; MARTINEZ-GIL, Victor, *A idéia iberista na Geração do “Orpheu”*, Nápole, Lignori Editore, 1997; PESSOA, Fernando, *El Regreso de los Dioses*, Barcelona, Seix Barral, 1988 (escrito entre 1916-1917).

anunciara a morte de Deus.⁸ Embora o poeta não seja tão benevolente com a hierarquia católica como Cascudo costumava ser, ambos buscam nas manifestações culturais que atribuem ao povo, o resgate desta possibilidade de dar um sentido a existência que transcenda a simples vida cotidiana e terrena. Ambos valorizam o patriotismo e pensam a nação a partir de sua expressão cultural encarnada pelo Povo, o popularismo que bem podia ser populismo de que fala Fidelino, e definem seu espírito a partir do apego ao passado, da importância da saudade e da religiosidade popular. Mas tanto Nobre como Cascudo olhariam para sua pátria a partir de sua aldeia, da vida regional, locus privilegiado de sua observação e vivência. Região suspensa num tempo de infância e saudade, num tempo morto, num tempo que só pode ser revivido em seus símbolos e em suas representações.⁹

⁸ “Esperai, esperai, ó Portugueses!/ que ele há de vir, um dia. Esperai./ Para os mortos os séculos são meses/ ou menos que isso, nem um dia, ai./ Tende paciência, findarão reveses: e até lá, portugueses, trabalhai./ Que El’ Rei Menino não tarda a surgir/ que ele há de vir, há de vir, há de vir”. (*Lisboa dos Destinos Imperiais*). In: NOBRE, Antônio, *Op. Cit.*, p. 92.

⁹ “Saudades da origem ao pé do Mondego/ saudade de tudo/ ouvi-las caindo da boca de um cego/ dos olhos de um mudo” (*Saudade*). In: NOBRE, Antônio, *Op.Cit.*, p. 43.